

LUIZ AUGUSTO MERKLE

A RELAÇÃO ENTRE OS MÍMICOS DE RUA  
E O PÚBLICO NA CIDADE DE CURITIBA

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. DOROTI BARBOZA RIESEMBERG

A todos os que contribuíram  
para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

	<u>RESUMO</u> .....	iv
1	<u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
	1.1 Problema .....	1
	1.2 Objetivo .....	1
	1.3 Justificativa .....	2
2	<u>REVISÃO DE LITERATURA</u> .....	3
	2.1 Considerações acerca do que vem a ser mímica ..	3
	2.2 Breve histórico .....	5
	2.3 Mímica de rua .....	6
3	<u>METODOLOGIA</u> .....	9
4	<u>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</u> .....	11
5	<u>CONCLUSÃO</u> .....	15
	<u>ANEXO 1</u> .....	17
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u> .....	18

## RESUMO

O tema desta monografia discorre sobre o relacionamento entre os mímicos que trabalham nas ruas centrais de Curitiba e o respectivo público que passa a pé pela rua. Teve como objetivo justamente diagnosticar como este trabalho está sendo recebido pelo público. Para tanto fez-se uso de pesquisa bibliográfica, observação direta e aplicação de questionários. Concluiu-se que, apesar da diversidade de opiniões, a mímica de rua vem se expandindo, porém de modo nem sempre adequado. Lógico que os trabalhos de qualidade ainda encontram seu espaço, mas em geral a mímica vem perdendo receptividade inclusive por falta de renovação e mesmo de respeito com o público por parte de mímicos nem sempre comprometidos.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 Problema

Quem costuma passar a pé pelas ruas centrais de Curitiba, tem observado um crescente aumento no número de mímicos, cujas atividades inevitavelmente causam certas alterações no comportamento e na movimentação normal das pessoas.

Isto tem causado certa polêmica tanto com respeito a validade de trabalho, quanto ao próprio direito de exercer a atividade.

Facilmente depara-se com todo tipo de opinião a respeito; tanto pessoas que adoram, como pessoas que não suportam e sentem-se tolhidas em sua liberdade de andar pela rua; assim como legislas que reclamam o fato de o público aglomerado encobrir suas vitrines e legislas que gostam, devido a mímica trazer mais gente para a rua e assim por diante.

Em meio a ambiente tão propenso a controvérsia surgiu a necessidade de se estudar de que modo a mímica de rua é recebida pelas pessoas, qual sua influência e seus aspectos mais ou menos apreciados.

### 1.2 Objetivo geral

Diagnosticar de que modo o trabalho dos mímicos é recebido pelo público.

### 1.3 Justificativa

Esta monografia justifica-se por vários motivos. Primeiro: o mímico muitas vezes é o último a saber se a qualidade de seu trabalho está agradando ou não. Isto devido a própria dinâmica do trabalho na rua. A partir deste estudo, diagnosticando a opinião das pessoas, talvez seja possível atingir o público de modo mais amplo e simpático, tornando a mímica de rua melhor compreendida.

Segundo, pelo fato de haver muito poucos estudos a respeito, sendo que o autor da mesma tem uma predileção por temas pouco difundidos. Deve-se lembrar que educação física não abrange apenas o esporte, o jogo e a ginástica, mas toda uma área de conhecimento que pode-se chamar de cultura corporal (SOARES, p.50).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Considerações acerca de que vem a ser mímica.

Segundo GONÇALVES, 1993, reportando-se ao sentido do vocábulo "mimesis" na civilização grega, o termo teria dois campos semânticos; um com o sentido de representação e expressão e outro com o sentido de imitação. De acordo com SÉRBO (in GONÇALVES, 1983) a ação de mímico não privilegia um caráter realista, para ele tal representação seria realista somente quanto ao assunto e não quanto ao estilo.

Já BRUCK, 1982, referindo-se também a civilização grega, cita Aristóteles, onde este diz que todas as formas de arte e literatura são basicamente "mimesis". Diz que Aristóteles não definia o termo, mas que por pesquisa etimológica e evidência contextual, "mimesis" é melhor traduzida por representação que por imitação.

Para Desmond MORRIS, 1978, os gestos mímicos são aqueles que transmitem sinais por imitação, onde o executante tenta imitar o melhor possível uma pessoa, um objeto ou uma ação. Um gesto mímico bem sucedido é aquele que pode ser entendido por alguém que nunca o viu antes, não sendo necessário nenhum conhecimento prévio. Assim gestos simbólicos por exemplo, não são considerados mímica. Para MORRIS a mímica pode ser dividida em quatro categorias:

Mímica social: aquela que é feita quando se quer passar

uma imagem diferente da real aos outros, por exemplo, quando sorrimos em uma festa para sermos simpáticos e na realidade estamos tristes.

Mímica parcial, onde a pessoa imita algo que não é, nem nunca poderá ser, como um pássaro ou chuva e onde geralmente só as mãos se envolvem.

Mímica no vazio, onde as ações ocorrem sem a presença do objeto ao qual estão relacionadas.

Mímica teatral, onde atores simulam o mundo real. No passado as ações eram altamente estilizadas. Hoje exceto na pantomima, na ópera e na comédia, um elevado grau de realismo é alcançado tornando-se quase tão realista quanto a mímica social.

Nesta monografia, mímica é considerada o mesmo que pantomima: representação teatral onde os atores utilizam gestos imitativos sem o auxílio da fala.

Apesar do termo pantomima ser mais específico e menos ambíguo, a palavra mímica é mais simples e mais amplamente utilizada. O povo na rua (com o qual este trabalho está relacionado), conhece esta arte por mímica, sendo que o uso de pantomima e principalmente mimo (aquele que faz pantomima) acabaria por trazer confusões.

Quanto aos sinais manuais dos alfabetos utilizados por pessoas portadoras de deficiência auditiva, não são considerados mímica, como alguns chamam. Segundo o mesmo MORRIS já citado, são uma verdadeira linguagem composta por sinais codificados e simbólicos.



## 2.2 Breve histórico

O pequeno histórico que segue é baseado em Maurice ROSENTHAL, 1992.

A origem da mímica confunde-se com as da dança, poesia e música.

As danças imitativas "primitivas" representavam eventos desejados a fim de forçá-los a se realizar.

Entre os gregos, encontramos referências desde Platão. Conhecida na época como "orchesia", Platão definia a mímica como sendo a imitação de todos os gestos e de todos os movimentos que o homem pode fazer.

Em Roma, na época de Cristo, chegou a ser tão popular que haviam "torcidas" que se combatiam entre si na enaltação de seus mímicos preferidos.

Não só a mímica, mas o teatro em geral passou por diversas fases, tanto de popularidade quanto de esquecimento.

A partir de 520 dc, não se encontra praticamente nenhum registro até que no século XVI, na Itália, surge a "commédia dell'arte", a qual acabou vindo a influenciar fortemente a pantomima de hoje. Vejamos algumas de suas características: as companhias em geral eram formadas por pessoas simples do povo. Apresentavam-se de vila em vila normalmente tendo as próprias carroças como cenário. O texto era apenas um esboço sobre o qual havia muita improvisação. Os personagens eram tipos fixos, quase invariáveis, sendo reconhecidos ao primeiro olhar. Usavam máscaras, daí a expressão corporal ser importantíssima. Os mais conhecidos são o Arlequim, o Polichinelo, o Capitão, o Pantaleão, a Colombi-

na e o Pierrô. Estes dois últimos, por serem de origem mais recente já não usavam máscaras rígidas. O Pierrô tinha o rosto pintado de branco, assim como as mímicos de hoje ainda utilizam.

O que chamamos pantomima moderna, teve como principal mestre o francês Etienne Decroux, que na década de 20 sistematizou a mímica a partir de várias fontes e deixou inúmeros seguidores.

Não se pode esquecer também do cinema mudo, visto que é comum encontrar-se mímicos hoje, travestidos de Stan Laurel ou Charlie Chaplin.

### 2.3 Mímica de rua

Índia: Bombaim, Nova Deli, Calcutá - ruas, praças, praias e outros espaços abertos dos grandes centros urbanos servem de palco para os mais variados espetáculos executados pelos artistas de rua. Em meio a desemprego, superpopulação e fome, há encantadores de serpentes, prestidigitadores, cantores, malabaristas, domadores de animais entre outros. Somente debaixo de uma ponte no centro de Nova Deli vivem em tendas mais de dois mil desses artistas. As autoridades locais já tentaram expulsá-los diversas vezes, mas ultimamente já admitem sua presença e até os respeitam, visto que tem representado divisas para os cofres da prefeitura por constituírem atração turística (Rev. Geográfica Universal, p.40-51).

Flávio COSTA, 1992, na revista Veja Paraná confirma: o número de mímicos nas ruas centrais de Curitiba só tem crescido nos últimos tempos. "Se apresentam ao ar livre e depois passam o chpéu para colher alguns trocados."

Sem dúvida, da Índia para Curitiba há grandes diferenças. A começar pela própria intensidade. Aqui, o fenômeno assemelha-se mais ao similar europeu, onde segundo a mesma reportagem tal arte também é comum a há mímicos e grupos de música por toda parte.

Flávio COSTA, na reportagem em questão entrevistou alguns mímicos curitibanos. Para Jiddú Saldanha: "A presença constante dessas figuras nas ruas se torna agressiva." Jiddú já a algum tempo não trabalha mais na rua e tem se apresentado somente em teatros. Jorge Vigário diz que com tanta gente na rua as pessoas começam a enjoar. Thaiane Serpa afirma que o público cobra humor e estórias rápidas e que tentativas de fazer trabalhos mais elaborados mostraram-se frustradas.

Ainda segundo a mesma reportagem, as maiores críticas vem dos logistas, que não gostam de ver suas vitrines encobertas.

O jornal GAZETA DO POVO, de 7/6/1992, trás algumas linhas sobre a dinâmica da apresentação.

Após cada apresentação, que dura quase uma hora, Júnior põe o chapéu no chão e, com mímicas, solicita a colaboração da platéia. Nesse momento a maioria das pessoas que pararam para assistir o espetáculo sai rapidamente do local. Em média somente dez pessoas colaboram voluntariamente, (...) Imitando o jeito de andar das pessoas, oferecendo-se para carregar pacotes e malas e fugindo com os pertences (para desespero momentâneo de seus portadores) ou abrindo portas imaginárias para a passagem do carro forte que invade o calçadão, ele arranca risos e aplausos da população.

O mímico em questão, Ailton Júnior dos Santos, diz que algumas pessoas ainda avaliam seu trabalho como uma espécie de

palhaçada e que há muita confusão entre o artista e o palhaço,  
mas que a conscientização começa a crescer.

### 3 METODOLOGIA

A fim de atingir o objetivo proposto, a metodologia adotada foi composta por pesquisa bibliográfica, observação direta e pesquisa de campo através da aplicação de questionários.

Quanto a observação direta, foram feitas cerca de trinta com duração de 30 min a uma hora e meia. Todas na Rua XV de novembro, no centro de Curitiba, no período de dezembro de 1991 a setembro de 1992.

Também houve a própria participações do autor como mímico de rua. Foram cerca de quinze trabalhos, com duração de duas a três horas cada, entre setembro de 1991 a abril de 1992; tendo como subsídio um curso frequentado no SESC da Esquina durante o segundo semestre de 1991.

Observou-se nestas ocasiões a dinâmica do fenômeno, ou seja: horários, dias e locais mais favoráveis, fluxo médio de pessoas, tempo necessário para aglomerar o público (formar uma roda), número de pessoas assistindo a apresentação e atitudes do público e dos mímicos.

A aplicação dos questionários foi realizada nos dias 27 e 31 de outubro, na Rua XV de Novembro, entre as ruas Dr. Murici e Dez. Westfalem, local onde mais comumente são encontrados mímicos trabalhando.

Os questionários foram preenchidos pelo próprio pesquisador, a medida que as pessoas respondiam.

As pessoas foram escolhidas ao acaso entre as que passavam ou se encontravam próximas ao local de trabalho dos mímicos. Procurou-se abranger pessoas de comportamento variado, entre elas as que encontravam-se em pé ou nas mesas dos bares em frente assistindo a apresentação, as que foram imitadas pelo mímico e ainda pessoas que mudaram de direção assim que perceberam a presença dos mímicos.

O clima nos dias da aplicação estava bom, sendo que o movimento era considerado normal.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos 50 questionários (modelo em anexo), foi feita com base na proporção das diferentes respostas obtidas, em termos de percentual.

Como em cada pergunta, poderia ser respondido mais de um item, a soma dos respectivos percentuais ultrapassa os 100%.

Obteve-se os seguintes resultados.

Pergunta um: o que geralmente faz quando encontra mímicos na rua?

- 
- 32% gosta de assistir mas não de ser imitado.
  - 22% assiste eventualmente se tiver tempo.
  - 18% nunca assiste.
  - 16% passa pelo meio da roda a fim de ser imitado.
  - 16% fica assistindo.
  - 4% outros.
- 

Observa-se um certo equilíbrio entre as respostas. O fato de um número maior de pessoas assistirem e participarem, do que não assistirem, reflete o fato de terem sido entrevistadas mais pessoas que assistiam aos mímicos e menos pessoas que não se interessavam pela presença destes.

A maior parte dos entrevistados (32%), gostam de assistir, mas não de serem imitados. Destes a quase totalidade não soube

explicar porque. Um entrevistado disse que é como tomar um tombo, todo mundo ri, menos quem caiu.

GAIARSA, 1986, diz algo interessante a este respeito:

"Falar para o outro da expressão de seu rosto e de seu corpo, é tido como ato social de mau gosto, sinal de falta de educação. (...) logo não ver e outro é uma OBRIGAÇÃO social - um preconceito"

Ora, ao ser imitado e ainda por cima de modo caricato, a pessoa tem seu "jeito" exposto diante do público para que todos vejam e se divirtam. É natural que alguns não se sintam bem.

Quanto a frequência a que assistem as apresentações, 4% dos entrevistados manifestaram que já assistiram mais assiduamente mas que agora só de vez em quando, "por ser sempre a mesma coisa". Esta resposta confirma a falta de renovação no trabalho, e que realmente o público pode se cansar com o tempo.

Pergunta dois: como age se for imitado pelo mímico?

---

22% fica sem jeito, não sabe o que fazer.

20% mistura-se logo ao público.

20% gosta e brinca com o mímico.

14% sente-se incomodado em sua liberdade de andar pela rua.

10% finge que não viu; ignora-o.

6% tem vontade de agredí-lo.

28% outros.

---

Dentre estes "outros", 16% disseram que simplesmente ríem. 12% não souberam responder, possivelmente por nunca terem sido



imitados.

Vemos que 42% dos entrevistados demonstrou que prefere não ser imitado e 36% gosta e até colabora com o mímico; novamente um certo equilíbrio, mas que vai contra a "teoria do tombo", referida na pergunta anterior. Aqui uma parcela considerável dos imitados gosta de participar das brincadeiras.

Para alívio dos mímicos, os 6% que afirmaram ter vontade de agredi-los disseram que não o fariam.

Pergunta três. Considera a atividade do mímico:

---

34% difícil

28% importante.

26% fácil.

24% sem importância.

40% outros.

---

O número de entrevistados que considerou a atividade fácil ou sem importância foi considerado alto, mas vejamos a que foi respondido em "outros": 4% considera que atrapalha, 6% que alegra as pessoas, 6% que quebra a rotina, 8% não soube responder e 16% respondeu que depende da qualidade e competência do mímico.

De fato, nas várias observações feitas constatou-se que nem todos tem a competência e a ética necessária para se fazer um bom trabalho. Alguns vão para a rua, na esperança de ganhar algum dinheiro, não possuindo nenhuma experiência nem orientação anterior. E são justamente estes os mais assíduos, isto é, que estão na rua quase todos os dias. Por conseguinte a imagem que o público acaba formando da mímica pode se tornar uma imagem destorcida,

de atividade fácil, sem importância, agressiva e constrangedora; uma "palhaçada".

Agravando a situação, muitos mímicos mais experientes deixaram de fazer trabalhos nas ruas, inclusive por medo de serem confundidos. Afirmam que o ambiente não está propício.

Percebe-se a uma quadra de distância a qualidade da música de um sanfoneiro, já a mímica requer certo tempo de observação; mesmo assim é possível perceber claramente a diferença de receptividade do público quando o mímico trabalha bem ou não. No tempo pra formar a roda, na atenção prestada pelas pessoas (se a roda mantém-se ou tende a se desmanchar durante a apresentação) e também na hora de passar o chapéu.

Quanto a queixa de alguns logistas de que a mímica atrapalha seus negócios porque a público aglomerado encobre as vitrines, aparentemente por observação, não tem fundamento: o público aglomera-se em forma de roda ou de corredor, no meio da rua, ao redor dos mímicos; deslocando o fluxo de pessoas para as laterais, justamente para a frente das vitrines das lojas. Soma-se a isto o fato de ter se entrevistado pessoas que foram ao centro da cidade com os filhos, especialmente para ver os mímicos, e os logistas devem sair é no lucro.

## 5 CONCLUSÃO

O tema desta monografia, discorre sobre o relacionamento entre os mímicos que trabalham nas ruas centrais de Curitiba e o respectivo público que passa e pé pela rua.

Pela literatura consultada vê-se que artistas de rua ocorrem em inúmeras partes do mundo, não sendo Curitiba nenhum caso particular.

A mímica sem dúvida já possui desde suas origens uma tradição, que mantem-se até hoje, de contato direto com o público de rua.

Observou-se pelas entrevistas que a relação mímicos - público é bastante diversa, isto é, obteve-se todo tipo de respostas, várias sendo inclusive antagônicas. Quanto a isto, em parte não poderia ser diferente: se o comportamento do público, em especial das pessoas diretamente imitadas pelo mímico fosse por demais uniforme e previsível, toda a graça se perderia.

Para que haja interesse, é preciso também que o observador se identifique com a figura e o personagem do mímico, o que nem sempre ocorre.

Outro aspecto é o aumento do número de mímicos, cuja arte e experiência resume-se apenas a pintar a cara; esperando ganhar algum dinheiro com isto e sem nenhum compromisso com o público.

Isto reflete-se numa decrescente receptividade da mímica, pois o público começa a enjoar pela falta de renovação.

Ainda há espaço porém, para os trabalhos feitos com qualidade o que se reflete facilmente no comportamento favorável do público quando o mímico agrada.

ANEXO 1

Questionário para o público.

1. O que geralmente faz quando encontra mímicos na rua?

- ( ) Fica assistindo.
- ( ) Assiste eventualmente se tiver tempo.
- ( ) Nunca assiste.
- ( ) Passa pelo meio da roda a fim de ser imitado.
- ( ) Gosta de assistir mas não de ser imitado. Explique.....
- ( ) Outros.....
- .....
- .....

2. Se for irritado pelo mímico, como age?

- ( ) Gosta e brinca com o mímico.
- ( ) Finge que não viu; ignora-o.
- ( ) Mistura-se logo ao público.
- ( ) Fica sem jeito, não sabe o que fazer.
- ( ) Tem vontade de agredi-lo.
- ( ) Sente-se incomodado em sua liberdade de andar pela rua.
- ( ) Outros.....
- .....

3. Considera a atividade do mímico:

- ( ) Fácil. ( ) Difícil. ( ) Importante. ( ) Sem importância.
- ( ) Outros.....

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BRUCK, Jan. From aristotelian mimesis to "borgeois" realism. Poetics. Amsterdam, 11(3):189-202, jul. 1982.
- 2 COSTA, F. Os saltimbancos. Veja Paraná. Curitiba, Ed. Abril, 3:9, 15 jan. 1992.
- 3 GAIARSA, J. A. Couraça muscular do caráter. São Paulo: Ed. Agora, 1984.
- 4 GONÇALVES, R. P. Mimesis, uma reflexão. Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria, UFMS, 5(1):49-59, jan./jul. 1983.
- 5 Mímico faz da rua das flores um grande palco ao ar livre. Gazeta do Povo. Curitiba, 7 jul. 1992. p.4.
- 6 MORRIS. D. Manwatching. St. Albans, Gt.Brit.: Triad Panther, 1978.
- 7 Os artistas de rua das cidades da Índia. Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 90:40-51, mai. 1982.
- 8 ROSENTHAL, M. Mime theatre. Curitiba, 1992. Curso realizado no Centro de Criatividade de 30 mar. a 11 abr. 1992.
- 9 SOARES, C. L. et alii. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.